

Teatro

O FILHO DE NINGUÉM

Antônio Roberto Gerin

Personagens

Batista (*Filho*)

Ernesto (*Pai*)

Dona Olga (*Mãe*)

O cenário revela toda a extensão de oito metros de largura do fundo de uma casa em madeira, com saída para a rua pelas duas laterais, qual seja, saindo-se para os fundos do palco, de lado e outro, implica estar caminhando para a frente da casa e, por conseguinte, para a rua. A pintura das paredes é de um azul-claro bastante desbotado, descascada em alguns lugares. No lado esquerdo, sempre a partir da visão do público, quase ao canto da casa, há uma janela de quarto, em esquadrias de ferro, com os três basculantes um pouco abertos. O vidro do basculante do meio está quebrado, faltando um pedaço em um dos cantos. À direita, bem ao canto, uma porta que dá para a cozinha. Está aberta, mas pode-se perceber a lâmina da madeira toda trincada na sua parte inferior; e a pintura, verde-escura, também desbotada. Há um banco de madeira, escuro e velho, mas de aspecto imponente, colocado ao longo da parede, logo após a porta da cozinha. Mais adiante, quase debaixo da janela, uma cadeira de balanço, forrada com tecido estampado, gasto, onde predominam as cores azul e amarela. Quase em frente à porta da cozinha, um pouco à direita, avançando alguns metros, há um pé de laranja. Um pouco mais adiante, já no espaço onde está a platéia, inicia-se o pomar, tomando todo o fundo do quintal. Bem ao lado esquerdo da casa, recuada para o pomar, no seu limite, há uma garagem, que o público não vê. O chão, até o início do pomar, é todo ele cimentado, sujo de folhas secas trazidas pelo vento. O aspecto geral é de decadência, quase abandono.

ATO I

CENA I

Ernesto aparece pela porta da cozinha, traz na mão direita um pedaço de pão, que vai levando em pedaços pequenos à boca. Faz o movimento de sentar-se no banco quando, com certo esforço, dirige o olhar para a sua direita, ao fundo, atrás da garagem. Parece ter visto alguma coisa. Agitado, recua até o limiar da porta. Apóia a mão esquerda no batente, enquanto com a direita, ainda segurando o pedaço de pão, gesticula, chamando por dona Olga, que está na cozinha. Ela aparece à porta, assustada com o ar misterioso do marido. Os dois olham para o local apontado por Ernesto.

ERNESTO Olga!

DONA OLGA *(De fora, impaciente.)* - Que é?

ERNESTO Alguém entrou na privada.

DONA OLGA *(Entra.)* - Agora?

ERNESTO Nesse instante.

DONA OLGA Viu quem era?

ERNESTO Eu acho que é o Batista.

DONA OLGA *(Reagindo, assustada.)* - O Batista!

ERNESTO É ele, Olga!

DONA OLGA Como é que você sabe?

ERNESTO Os cabelos estão mais longos... Mas é ele sim!

DONA OLGA Pode ser o João Cristo. Ele sempre vem usar a privada. Não gosto dessa mania, mas fazer o quê? Não vamos tirar dele o direito de cagar.

ERNESTO O João Cristo é baixinho, Olga. O Batista é mais alto!

DONA OLGA Você está quase cego, esqueceu?

ERNESTO *(Ofendido.)* - E eu não vou conhecer o meu filho?

DONA OLGA Você está vendo coisa! Esse é o medo que a gente tem do Batista aparecer.

ERNESTO Faz mais de um ano que ele não vem.

- DONA OLGA Que um ano! Ele veio agora, depois do Natal.
- ERNESTO Então! Quase um ano. Já estamos em novembro.
- DONA OLGA *(Fazendo menção de entrar.)* - É o João Cristo, Ernesto. Vem cagar sem pedir licença. Ainda vou jogar isso na cara dele.
- ERNESTO E se for o Batista?
- DONA OLGA *(Reage.)* - Nós não vamos dar dinheiro pra ele. Nem um tostão!
- ERNESTO Se ele pedir?
- DONA OLGA Ele vai pedir. Por que você acha que ele vem?
- ERNESTO Não é só por causa do dinheiro.
- DONA OLGA Por causa do que então?
- ERNESTO *(Ressentido com a mulher.)* - Ele gosta da gente, Olga.
- DONA OLGA Ah, gosta muito, mas só vem pra arranjar confusão.
- ERNESTO Eu acredito que ele ainda pode mudar.
- DONA OLGA Só você!
- ERNESTO As pessoas mudam!
- DONA OLGA O Batista não vai mudar, Ernesto! Ele é aquilo que ele é. Ruim, preguiçoso e bêbado! *(Entrando.)* Seja quem for, vamos esperar sair da privada.
- ERNESTO *(Agitado.)* - Eu vou ficar lá dentro, na janela do quarto. Se for ele, eu enxergo.
- DONA OLGA *(Impaciente, alterada com a possibilidade de ser mesmo o filho. Vendo que o marido vacila.)* - O que é que você tá esperando? Vai!
- Dona Olga fecha a porta, mantendo apenas o rosto entrevisto, espiando, curiosa. Silêncio prolongado, expectativa. Percebem-se os basculantes da janela se mexendo. É Ernesto tentando fechá-los, para melhor espiar pelo buraco do vidro quebrado. Mas logo volta para a cozinha, agitado. Vai para a porta de saída.*
- ERNESTO É ele sim! *(Saem, mas sem se afastar do limiar da porta. Ele está agitado, mostra algo para dona Olga.)* Olha lá, encostado na parede da garagem!

DONA OLGA Você tá me assustando, Ernesto!

ERNESTO O agrião, Olga! (*Olham.*) Você acha que o Batista ia esquecer de trazer o agrião?

DONA OLGA (*Nervosa.*) - É ele, Ernesto!

ERNESTO Não falei!

DONA OLGA O Batista voltou.

ERNESTO Tem mais alguma coisa no chão. Um pedaço de vidro.

DONA OLGA Uma faca.

ERNESTO Vidro, Olga!

DONA OLGA Que vidro o quê!

ERNESTO Faca é maior.

DONA OLGA Você não enxerga.

ERNESTO (*Ofendido.*) - Quem disse que eu não enxergo?

DONA OLGA Todo mundo.

ERNESTO Só porque tou precisando usar óculos?

DONA OLGA Vai lá ver o que é.

ERNESTO Eu não vou mexer nas coisas dele.

DONA OLGA Vou eu então. Você é um banana mesmo! (*Avança em direção à garagem, logo retorna, apressada.*) É uma gaita.

ERNESTO Gaita?

DONA OLGA Uma gaita, não ouviu não?

ERNESTO Parecia vidro...

DONA OLGA Depois diz que enxerga.

ERNESTO É nova?

DONA OLGA Velha. (*Raivosa.*) Suja!

ERNESTO (*Ouve-se um barulho.*) - Ele vai sair!

DONA OLGA (*Recua em direção à porta.*) - Santo Deus!

ERNESTO É melhor você não ficar nervosa.

DONA OLGA Ele tá sujo?

ERNESTO Não deu pra ver.

DONA OLGA Não vamos dar dinheiro pra ele!

ERNESTO (*Impaciente.*) - Eu sei! Já ouvi!

DONA OLGA Ouvia, mas eu sei muito bem o que é que você vai fazer!

ERNESTO Nem se eu quisesse, não tenho.

DONA OLGA E é isso que você vai dizer pra ele.

ERNESTO Ele não vai acreditar.

DONA OLGA Você fica com pena. Por isso ele aproveita.

ERNESTO Eu tenho pena sim.

DONA OLGA Ter pena pra quê? Ele que escolheu essa vida. A culpa não é nossa.

ERNESTO Ele sofre. Eu sei que ele sofre.

DONA OLGA Olha só o coração mole!

ERNESTO É nosso filho, Olga!

DONA OLGA Eu não criei filho pra ser mendigo.

ERNESTO Ele não é um mendigo!

DONA OLGA Ah, não? É só perguntar.

ERNESTO Pra quem?

DONA OLGA Pro velho Serrano.

ERNESTO *(Exalta-se.)* - Por que é que ele não vai cuidar da vida dele?

DONA OLGA *(Recuando para dentro da cozinha, enquanto olham para o pomar..)*
- Ele tá saindo!

ERNESTO *(Pausa. Aponta a cabeça pela porta, olha com demora.)* - Ele tá no pomar pegando tangerina...! *(Recolhe a cabeça.)*

CENA II

Batista entra pelo lado da garagem, traz consigo duas tangerinas, tem às costas uma mochila preta, velha e suja, vê-se que quase vazia. Veste calças do tipo jeans, parecem novas, porém um pouco sujas, camiseta escura, com gola, o que lhe dá certa jovialidade e elegância. Calça tênis barato, sem meias. Traz os cabelos um pouco compridos. Barba por fazer. Está alegre, auto-confiante, não se intimidará com a presença dos pais. Traz dentro de si um forte

propósito e é isso que lhe dá sustentação psicológica. Não está bêbado. Perambula pelo palco, observa com certa apreensão a porta da cozinha, mas não se atreve a se aproximar. Começa a descascar uma tangerina e a jogar as cascas no chão. Percebe-se Ernesto espiando pelo buraco do vidro da janela. Batista deposita a mochila no banco. Depois vai até a garagem, pega o maço de agrião, prende-o sob o sovaco, enquanto tira da gaita acordes alegres, dançantes. Dona Olga espia pela porta, ele a vê e pára de tocar. Pausa, em suspense.

- BATISTA Mãe! *(Descuida-se, o maço de agrião cai no chão. Depressa agacha para pegar.)*
- DONA OLGA *(Saindo, ressabiada. Ernesto se afasta da janela.)* - O que é que você veio fazer aqui?
- BATISTA *(Surpreso com o mal acolhimento.)* - Eu... eu vim visitar a senhora... o... o pai!
- DONA OLGA *(Segura um dos braços do filho.)* - Você tá bem?
- BATISTA Tou, mãe, tou bem.
- DONA OLGA Podia ter lavado essa roupa.
- BATISTA *(Pausa, em que tenta se recompor.)* - O pai tá aí?
- DONA OLGA Por que jogou as cascas no chão?
- BATISTA *(Olha para o chão surpreso, depois em volta.)* - Não tem lixo.
- DONA OLGA O lixo tá lá dentro. Era só pedir.
- BATISTA *(Vendo Ernesto surgir pela porta.)* - Pai!
- ERNESTO *(Cumprimenta o filho, efusivo.)* - Eu sabia! Meus olhos ainda estão bons. Eu vi quando você entrou na privada. De costas eu reconheci você. Sua mãe disse que era o João Cristo. Mas eu sabia que era você!
- DONA OLGA *(Recolhe as cascas no chão.)* - Sabia nada.
- ERNESTO *(Para Olga.)* - Se você não tivesse metido na minha cabeça que era o João Cristo, eu nunca ia duvidar que era ele. Meus olhos não falham!

DONA OLGA Seus olhos não prestam nem pra contar cachorro na rua.
 BATISTA O senhor tá com problemas nos olhos, pai?
 ERNESTO A maldita catarata.
 BATISTA É grave?
 ERNESTO Não.
 DONA OLGA *(Saindo para a cozinha com as cascas.)* - É grave sim. Seu pai que é teimoso. Daqui a pouco não vai enxergar nem o próprio dedo.

CENA III

ERNESTO Não dá ouvidos pra sua mãe, filho. Você sabe, ela sempre vê problemas em tudo.
 BATISTA É grave, não é?
 ERNESTO Bem. Eu não consigo mais enxergar uma agulha. Isso realmente eu não consigo.
 BATISTA O senhor parou de trabalhar?
 ERNESTO Vou fazendo o que posso.
 BATISTA *(Preocupado.)* - Quer dizer que o senhor não trabalha mais?
 DONA OLGA *(Chegando à porta.)* - Trabalha sim. E muito! *(Sai.)*
 ERNESTO Eu ajudo seu irmão. Ele risca e eu corto. O risco eu ainda consigo enxergar. A tesoura também. *(Ri.)* Ora, meu filho! Se eu enxerguei você entrando na privada, não vou enxergar a tesoura na minha mão?
 BATISTA O senhor foi ao médico?
 ERNESTO Veio aqui um do governo. Ele disse que eu preciso arrancar esse troço branco no meu olho.
 BATISTA E o que é que o senhor tá esperando então?
 DONA OLGA *(À porta, ouvindo a conversa.)* - A Maria tá cuidando disso.
 BATISTA *(Nervoso pelo pai.)* - O senhor já devia ter ido ao médico!
 ERNESTO Calma, filho. As coisas do governo são sempre demoradas. *(Altera-se.)* Você sabe. Você vai lá, preenche aqueles papéis,

marca consulta, o médico não aparece. E aí você tem que marcar consulta de novo! *(Acalma-se.)* Deixa pra lá. Tem muita gente pior que eu. Tem gente que não enxerga o vaso onde mija! Deixa eles irem na minha frente!

- BATISTA *(Preocupado.)* - Mas a mãe disse que ...
- ERNESTO *(Irrita-se.)* - Exagero da sua mãe! Eu não enxerguei você entrando na privada?
- DONA OLGA *(Aparece novamente à porta, braba.)* – Sou eu que exagero, Ernesto! Teimoso! *(Sai.)*
- BATISTA *(Com certo exagero.)* - Eu vou ajudar o senhor! Eu quero ajudar! Posso, pai?
- ERNESTO *(Admirado com a decisão do filho.)* - Pode...! Claro. Mas como?
- BATISTA Eu vou falar com o pessoal da saúde!
- ERNESTO E onde é que você vai encontrar essa gente?
- BATISTA Onde...? *(Inseguro e agressivo, disfarça.)* Pai, pode ficar sossegado. Eu resolvo tudo.
- ERNESTO Não é fácil falar com essa gente.
- BATISTA Eu sei como lidar com eles. *(Aponta a perna esquerda.)* Eu sofri muito com essa perna, eu sei como é que é. É só você encarar eles de frente. Não ter medo. Não abaixar a cabeça! Quando você tem medo, eles largam você, entende? Eles têm prazer em deixar você esperando. Como se o senhor fosse um ninguém! Não podemos ter medo, pai!
- ERNESTO Mas eu não tenho medo de ninguém.
- BATISTA O senhor acha que não, mas tem! Nós, pai, nós não somos bostas não! Eles pensam que nós somos, mas nós não somos! Não temos dinheiro, nós precisamos deles, não é assim? Mas nem por isso somos bostas. O senhor tem que entender isso. O senhor não é um bosta que pode ficar cego e ninguém se preocupar com isso!
- ERNESTO Você acha então que conseguiria...
- BATISTA *(Tentando ser convincente.)* – Claro.
- ERNESTO Você precisa antes falar com sua irmã. A Maria é que tá vendo

tudo. Ela e o seu irmão. O Osvaldo.

BATISTA *(Reage.)* - O Vado também?

ERNESTO Ele conhece um deputado.

BATISTA *(Ressentido.)* - Então o senhor não vai precisar de mim.

ERNESTO Por que não?

BATISTA *(Ressentido.)* - Eu não conheço nenhum deputado, pai!

ERNESTO Mas você pode conseguir as coisas de outra maneira!

BATISTA *(Eleva a voz, irritado com a consciência da sua insignificância.)* - Não é assim que funciona! Se tem um deputado na história, aí a coisa é diferente. Toma outra importância. Eu não sou importante, pai! *(Silêncio. Cospe sementes da tangerina no chão.)*

ERNESTO Se sua mãe vê você fazendo isso, ela vai se aborrecer.

BATISTA *(Ainda agitado.)* - Pai... eu queria tomar um cafezinho...

ERNESTO Olga, tem café?

DONA OLGA *(Da cozinha.)* - Não precisa gritar. Já tou esquentando!

ERNESTO Vem. Vamos entrar...

BATISTA Não, pai. Eu tou bem aqui.

ERNESTO Vamos lá pra dentro.

BATISTA Não! *(Começa a descascar a outra tangerina, joga a casca no chão. Nervoso.)* Cheguei bem na época das tangerinas.

ERNESTO *(Observando-o jogar as cascas no chão.)* - Não carregaram muito esse ano.

BATISTA Tão ótimas!

ERNESTO O bom é quando elas ficam assim desse tamanho. *(Marca o tamanho com as mãos.)*

BATISTA Pequena é mais doce.

ERNESTO *(Ele e Batista observam o pomar.)* - Eu precisava dar um jeito nesse pomar.

BATISTA *(Mais relaxado.)* – Olha lá meu pé de goiaba!

ERNESTO Eu tive que podar, senão o danado ia pular a cerca.

BATISTA Eu tinha onze anos quando plantei...

ERNESTO *(Admirado.)* - Onze!

BATISTA Quase vinte anos, pai!

ERNESTO Tudo isso?

BATISTA Foi depois que eu quebrei a perna pela primeira vez.

ERNESTO Quantas vezes você quebrou a perna?

BATISTA Contando com a do exército... quatro.

ERNESTO *(Sorri, encantado.)* - Você parecia um macaco em cima das árvores.

BATISTA *(Testando a perna esquerda.)* - Ela ficou um pouco torta.

ERNESTO Dá pra andar?

BATISTA Dá.

ERNESTO Então não tem importância.

BATISTA Dói um pouco no frio.

ERNESTO Sabe o que é bom? Fazer massagem. Joga álcool e esfrega. Até esquentar. Você vai ver como melhora. Eu também tenho umas dores aqui. *(Mostra a coxa direita, acima do joelho.)*

BATISTA Posso esfregar com pinga?

ERNESTO *(Ingenuamente surpreso. Riem.)* - Pinga?!

BATISTA *(Carinhoso.)* - Cachaça também é remédio, pai. E que remédio!

CENA IV

DONA OLGA *(Traz duas xícaras de café fumegante. Entrega uma para Ernesto, a outra para o filho. Olha apreensiva para Ernesto. Indigna-se com o filho.)* - Eu disse pra você não jogar as cascas no chão!

BATISTA O chão tá sujo, mãe.

DONA OLGA Aqui não é sua casa!

BATISTA *(Desconcertado, olha para o pai. Acuado.)* - Depois eu pego.

DONA OLGA *(Irônica.)* - Eu sei muito bem que você pega. *(Observa a roupa do filho.)* Você precisa lavar essa roupa. Tem outra?

BATISTA Uma camisa.

DONA OLGA Só a camisa?

BATISTA Só.

DONA OLGA Pelo jeito também não tem cueca. (*Batista abaixa a cabeça, envergonha-se.*) Onde é que você tá morando?

BATISTA Na casa de um amigo.

DONA OLGA (*Apreensiva.*) - Que amigo?

BATISTA Um amigo, mãe!

DONA OLGA Ele trabalha?

BATISTA Trabalha.

DONA OLGA O que ele faz?

BATISTA Por que essas perguntas todas?

DONA OLGA Eu tenho o direito de saber com quem você anda.

ERNESTO Não precisa falar assim, Olga.

DONA OLGA Falo como eu quiser! (*Para Batista.*) Boa amizade não deve ser.

BATISTA Ele trabalha com caminhão.

DONA OLGA E você?

BATISTA (*Vacila.*) - Mãe... Eu...

DONA OLGA Já sei. Não tem cuecas, não tem emprego.

BATISTA (*Em tom de quase súplica.*) - Eu vim aqui... pra gente conversar.

DONA OLGA (*Finge não ter ouvido, vai até a mochila.*) - Eu quero ver a camisa. (*Tira de dentro da mochila uma camisa vermelha, mangas curtas. Faltam dois botões.*) Cadê os botões?

BATISTA Caíram, mãe.

DONA OLGA Da outra vez você tinha camisas mais decentes.

BATISTA A senhora pode me ouvir?

DONA OLGA Me dê aqui. Não se coloca xícara em banco. Alguém sempre vai sentar em cima. (*Ela recolhe as xícaras, com habilidade. Fala rápido, demonstra nervosismo com a situação.*) Eu vou pregar os botões, pra você poder vestir essa coisa. Pelo menos tá limpa. Pai, você fala com o Sebastião, pra ver se ele tem camisa e calças sobrando. Você vai usar uma cueca do seu pai. Vou avisando. Seu pai não tem cuecas novas. (*Sai para a cozinha.*)

CENA V

ERNESTO Não fica chateado.

BATISTA Eu não tou chateado.

ERNESTO Sua mãe não gosta de ver você assim. Eu também não. Mas eu pelo menos sei como é que é a vida.

BATISTA Eu vou sair dessa, pai!

ERNESTO Tá mesmo na hora de você dar um rumo na sua vida. A gente vai ficando velho, as coisas só pioram.

BATISTA *(Anima-se.)* - Pai, eu... posso falar uma coisa? Tou aí com uns planos...

ERNESTO *(Assustado.)* - O que é que é?!

BATISTA Espera, pai. Não precisa ficar preocupado.

ERNESTO *(Reage.)* - Eu não tou preocupado!

BATISTA Deixa eu falar! Dessa vez as coisas vão ser diferentes. A gente aprende com as cabeçadas, não aprende?

ERNESTO Uma hora temos que aprender.

BATISTA Passei muito tempo pra cá e pra lá, observando, pensando... Pensando onde cavar dinheiro bom, o senhor entende? As oportunidades boas não surgem pra todo mundo, esse que é o problema. Mas eu nunca desisti de procurar. Só que eu nunca quis me meter em qualquer negócio! O senhor sabe disso. Passar a vida toda carregando pedra, pra só ter o que comer? Eu sempre quis coisa melhor! O Brasil tá aí, crescendo a olhos vistos. Os militares tão botando pra quebrar. Todo mundo fala que o Brasil vai ser uma potência. *(Irrita-se.)* Eu também quero ser uma potência, pai! Quero ser grande! Eu sei que eu posso conseguir coisa boa. Sou inteligente! Aqui ó! *(Dedo indicador na cabeça.)* Meu negócio é usar a cabeça. *(Silêncio.)*

ERNESTO Sim.

BATISTA E não é que pintou uma oportunidade, pai?! Um negócio incrível!

ERNESTO Um emprego?

- BATISTA Não! Não, pai! Eu não sirvo pra ser empregado.
- ERNESTO *(Um tanto preocupado.)* - Mas... emprego...
- BATISTA É uma coisa muito melhor. Coisa certa. *(Está incomodado, com receio de ir à questão.)* Eu sei que já dei muita cabeçada, eu... poxa, não é fácil você sair do nada! Se fosse, seria bom. Mas não é! Você viver a vida inteira no escuro, ali na merda, e de repente ir lá pra cima, ser um grande empresário! Chegar lá... Tem que ter muita luta por trás disso tudo, eu sei. Muito trabalho. Ali, todo dia no batente, suando, ralando, sabendo que uma hora você vai estar lá em cima, que não vai mais precisar mexer nem um dedo...
- ERNESTO A gente nunca pode desistir!
- BATISTA *(Animando-se.)* - Nunca, pai!
- ERNESTO *(Empolga-se.)* - O trabalho tem que ser todo dia. Ali, no duro! Afinal, todo dia se come e se dorme.
- BATISTA *(Silêncio.)* Pai! Eu... O negócio é fabuloso! *(Vendo que o pai não está entendendo aonde ele quer chegar, impacienta-se.)* Pai, o senhor tá me ouvindo? Eu queria falar com o senhor. É por isso que eu vim. *(Baixando a voz, apreensivo.)* E... é melhor a mãe nem ouvir. Não por enquanto.
- ERNESTO Por que, filho?
- BATISTA Conversa de negócios, pai. Negócios! Coisa de empresário!
- ERNESTO Isso é bom...
- BATISTA A mãe não entende dessas coisas.
- ERNESTO *(Entrando no jogo do filho.)* - Sua mãe não entende mesmo. Isso é verdade! Ela fica nervosa à toa. Eu entendo você. Eu também tive esse tipo de problema. Quando eu quis montar meu próprio negócio, foi um Deus nos acuda. Passar a vida inteira ganhando quinze por cento por cada calça feita era muito pouco! Eu tinha que fazer até quatro calças por dia pra poder sobreviver. Você não era nem nascido. Um dia cheguei em casa e disse pra sua mãe que ia montar minha própria alfaiataria. Ela começou a gritar que era um absurdo! Que eu queria era matar a família de fome! Que ambição

era pecado! Essas coisas, você já sabe. Mas eu fui esperto. Quando eu contei pra ela do negócio, a coisa já tava feita! (*Sorri, encantado.*) Quando ela viu que a alfaiataria tava lá, o meu nome bem grande, pronto! Gostou.

- BATISTA O senhor acreditou no negócio, não foi?
- ERNESTO Não precisei mais fazer quatro calças por dia. Feito um doido!
- BATISTA (*Sentindo-se mais à vontade, auto-confiante.*) - Eu entendo o senhor, pai. Eu também tou passando por isso. Eu me perguntei. Você acredita no negócio? Não pensei duas vezes pra responder. Lógico que eu acredito! E como!
- ERNESTO Não vem me dizer que você vai querer montar outro bar...
- BATISTA Nãão! Aquilo sim foi uma puta cabeçada. Meu negócio agora é caminhão.
- ERNESTO Caminhão?!
- BATISTA Por que o espanto, pai? Vou comprar um caminhão.
- ERNESTO Você?!...
- BATISTA O senhor acha que eu não posso comprar um caminhão?
- ERNESTO Lógico que pode. Só que... é muito caro!
- BATISTA No começo eu não vou comprar um caminhão novo. Talvez daqui um ano. Talvez nem isso. Vou começar com um caminhão mais antigo. Na verdade, pai, é uma caçamba. (*Apressa-se.*) Eu ainda não contei o negócio pro senhor. O caminhão é só o primeiro passo. O negócio é tão bom, que depois virão outros caminhões.
- ERNESTO Outros?!
- BATISTA O senhor não acredita?
- ERNESTO Mas... e o dinheiro pra tudo isso?
- BATISTA O duro é o começo. O primeiro caminhão.
- ERNESTO Você tem esse... dinheiro?
- BATISTA Não.
- ERNESTO (*Pausa. Incomoda-se ao se dar conta aonde o filho está querendo chegar.*) - E como é que você vai fazer?
- BATISTA Deixa primeiro eu explicar todo o negócio.

ERNESTO *(Apresenta sinais de nervosismo.)* - Tem mais negócio?
 BATISTA Eu não falei pro senhor que o caminhão era só o começo?
 ERNESTO *(Confuso.)* - Você vai comprar mais o quê?
 BATISTA Calma, pai! Eu vou explicar. Eu só quero que o senhor tenha calma!
 ERNESTO *(Apreensivo, olha para a porta da cozinha.)* - É melhor você pegar essas cascas do chão, antes que sua mãe volte.
 BATISTA Pai! Eu tou falando de um grande negócio e o senhor vem falar de casca de tangerina!?
 ERNESTO Eu acho melhor você não irritar sua mãe.
 BATISTA O senhor quer me ouvir?!
 ERNESTO Eu tou ouvindo, filho.
 BATISTA *(Parece sentir o chão escapar-lhe sob os pés.)* - Pai! Esse negócio é fantástico! O senhor vai ver. Eu vou pagar a cirurgia do senhor. Aqui, do meu bolso! O senhor não vai precisar de merda de deputado nenhum, entendeu? O Vado que se foda com o deputado dele! Nós não somos bostas, pai! O senhor não é um bosta! Mas pra isso eu preciso de dinheiro! Pro negócio sair, entende? Pra gente ser alguém!

CENA VI

DONA OLGA *(Entra pregando um botão. Está preocupada, um tanto assustada.)*
 - O que é que tá acontecendo aqui?
 ERNESTO Nada, Olga.
 DONA OLGA Então por que essa gritaria?
 BATISTA *(Agressivo.)* - Quem tá gritando, mãe?
 DONA OLGA *(Braba.)* – Eu já falei que eu não quero casca no chão!
 BATISTA *(Submisso, agacha-se de imediato. Sabe que não é o momento de confrontar a mãe.)* - A senhora não precisa ficar nervosa.

(...)

Futuramente a Cia de Teatro Assisto Porque Gosto disponibilizará os textos completos para quem solicitar.